

**Considerações de Freud sobre a guerra e a morte, sob o prisma das disposições filogenéticas**

*Fernanda Silveira Corrêa<sup>1</sup>*

---

<sup>11</sup> Universidade São Judas Tadeu – São Paulo  
[fernandasilveiracorrea@gmail.com](mailto:fernandasilveiracorrea@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo analisa as *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, de Freud, destacando seus aspectos filogenéticos. Defende que, de acordo com Freud, a desilusão proporcionada pela guerra revelou aspectos das disposições humanas que a civilização moderna hipocritamente tenta esconder e acaba por modifica-las. São elas, nossa posição corajosa contra a morte (para nós, só no inconsciente a morte não existe e, portanto, só na fantasia somos capazes de arriscar nossas vidas e dar pleno sentido a ela) e nossa hostilidade contra os outros. Somos covardes e nos autorrecriminamos, sem saber o porquê, nas relações com os outros. O fato da hostilidade ser inconsciente faz com que, quando ela se manifesta, no soldado que mata, por exemplo, não haja responsabilidade pelo ato. Se a guerra revelou a coragem que existe por trás da covardia, revelou também como lidamos com a hostilidade que existe por trás da paixão: não nos responsabilizamos por ela.

**Palavras chave:** Freud; Guerra, Morte, Impulsos sociais.

**Abstract:** This paper analyzes the essay *Reflections on war and death* underlining its phylogenetic aspects. It states that, according to Freud, disillusionment caused by war revealed aspects of human dispositions which modern civilization hypocritically attempt to hide and eventually modify them. They are: our courageous attitude against death (for us, only in the unconscious death does not exist and, therefore, only in fantasy we are able to risk our lives and give true meaning to it) and our hostility toward others. We are cowards and we self-reproach ourselves, without knowing why, in relationships with others. Because hostility is unconscious, when it manifests itself, for example, in the soldier who kills, he does not hold himself responsible for the act. If the war has shown the courage that exists behind the cowardice, it has also revealed how we deal with the hostility that lies behind the compassion: we do not regard ourselves as responsible for it.

**Key-words:** Freud, war, death, social impulses.

Farei uma leitura minuciosa das *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*<sup>2</sup>, escritas por Freud em meio aos sofrimentos vivenciados no segundo ano da Primeira Guerra Mundial, pondo em destaque os aspectos filogenéticos abordados nessas *Considerações*. Completarei as referências aos aspectos filogenéticos, que aparecem nessas considerações, com o texto póstumo de Freud, escrito no mesmo ano (1915) e enviado em forma de manuscrito a Ferenczi, *Visão geral das neuroses de transferência*<sup>3</sup>. Utilizarei também nesta leitura minha interpretação de *Visão geral das neuroses de transferência*, realizada em meu doutorado<sup>4</sup>.

O título do primeiro ensaio das *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* já nos aponta a direção das considerações de Freud: *A desilusão causada pela guerra*. Trata-se, como toda a obra de Freud, de desconstruir ilusões. Essas ilusões, no entanto, não foram

---

<sup>2</sup> FREUD [1915] 2010.

<sup>3</sup> Texto publicado em alemão em 1985 com o título *Übersicht der Übertragungsneurosen* e no Brasil em 1987 com o título *Neuroses de transferência: uma síntese*.

<sup>4</sup> *História hipotética da espécie humana: O processo de hominização nos tempos glaciais e na horda primitiva* (2013). Texto no prelo com o título *Filogênese na metapsicologia freudiana*, editora Unicamp.

em primeiro lugar desconstruídas por Freud, mas pela própria guerra, que pôs a nu a ilusão de uma Europa unificada e civilizada. Segundo Freud, com a guerra, “até mesmo a ciência perdeu sua desapaixonada imparcialidade; ... seus servidores buscam extrair-lhe armas, para dar contribuição à luta contra inimigos. O antropólogo tem que declarar o adversário um ser inferior e degenerado, o psiquiatra tem que diagnosticar nele uma perturbação espiritual ou psíquica.”<sup>5</sup>. Se são preciosas essas considerações de Freud sobre o uso dessas duas ciências (antropologia e psiquiatria, ciências para as quais sem dúvida ele bastante contribuiu) para desqualificar o outro diferente de si, o que mostra um Freud bastante crítico a uma certa ideologia evolucionista e cientificista, essas considerações apontam também a quão ilusório é pensar que isso pudesse não ocorrer, quão ilusório é acreditar na desapaixonada imparcialidade da ciência.

Também, segundo Freud, era uma ilusão pensar que o que estava ocorrendo em tempos de guerra não ocorria em tempos de paz, “quer nos parecer que jamais um acontecimento ... confundiu tantas inteligências das mais lúcidas e degradou tão radicalmente o que era elevado”<sup>6</sup>. Quer-nos parecer mas, no entanto, não é. É uma ilusão pensar que este acontecimento foi único: constantemente, e não apenas na guerra, a inteligência se confunde frente às questões emocionais e o que é elevado sempre está se degradando, regredindo para o mais baixo. É ilusório pensar que o momento em que se vive é mais sofrido que os outros: “mas provavelmente sentimos o mal desse tempo com intensidade desmedida, não tendo o direito de compará-lo com aquele de tempos que não vivenciamos”<sup>7</sup>. O que está em questão é a tendência que temos de intensificar o sofrimento dos tempos em que nos encontramos. Avaliar o mal em que se vive como mais intenso que o vivido em outros momentos é mascarar nossa desilusão, que sempre revela aspectos de verdade, por uma nova ilusão, que exagera a intensidade do mal presente.

Segundo Freud, os dois tópicos que abordará no texto: a desilusão provocada pela guerra e a diferente atitude ante a morte, estão “entre os fatores responsáveis pela miséria psíquica dos não combatentes”<sup>8</sup>. Mas será que é possível, na concepção freudiana, pensar que a desilusão provoca uma miséria psíquica? Parece que não, sabemos que na psicanálise a desilusão, a perda das ilusões, nos enriquece muito mais do que nos empobrece psiquicamente. Podemos, no máximo, dizer que a desilusão, na medida em que mostra nossas misérias psíquicas, pode tanto nos manter psiquicamente

---

<sup>5</sup> FREUD, *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, p. 210.

<sup>6</sup> Id. *ibidem*.

<sup>7</sup> Id. *ibidem*.

<sup>8</sup> Id. *ibidem*.

miseráveis como nos fortalecer já que deixamos de nos apoiar em ilusões (e este talvez seja o intuito das considerações freudianas). Acompanhemos o raciocínio de Freud.

Qual era a ilusão que se tinha até então? De que poderia haver o término de todas as guerras ou que, pelo menos, as nações de raça branca que dominam o mundo, sabidamente empenhadas no cultivo dos interesses mundiais, cujas criações incluem os progressos técnicos e valores culturais artísticos e científicos, soubessem resolver os conflitos. Esperava-se que os Estados civilizados não se servissem das extraordinárias vantagens proporcionadas pelo uso da mentira e da fraude na competição com seus semelhantes. Podia-se pensar que estrangeiro e inimigo não mais se fundiriam numa única noção. Freud faz uma belíssima descrição dessa ilusão baseada na união dos povos civilizados: o mundo civilizado como uma pátria maior onde se podia circular insuspeito e desimpedido. Nele, podia-se desfrutar da ampla diversidade natural assim como da recordação dos vários feitos históricos e das mais diversas produções artísticas, no sentido que Schiller<sup>9</sup> deu a elas: “Aqui se desenvolvera ao máximo a fria, inflexível energia; ali, a arte graciosa de embelezar a vida; acolá, o sentido da ordem e da lei”<sup>10</sup>, e assim “nenhum dos grandes lhes era estrangeiro ..., nem o inigualável perscrutador das paixões humanas nem o adorador inebriado da beleza, ou o profeta veemente e ameaçador, ou o satírico sutil”<sup>11</sup>. Se existissem guerras nos países civilizados como seriam? Se limitariam a estabelecer a superioridade de uma das partes, evitando ao máximo os sofrimentos maiores, poupando inteiramente os feridos e os médicos e enfermeiros dedicados à recuperação daqueles. Haveria respeito com a parcela da população, com mulheres e com crianças, que quando crescidas tornar-se-iam amigos e colaboradores de ambos os lados. Manter-se-iam os empreendimentos e as instituições internacionais dos tempos de paz.

Irrompeu a guerra e com ela veio a desilusão. Ela transgrediu todos os limites do direito internacional. Derrubou o que se interpunha no seu caminho como se depois dela não devesse existir nem futuro nem paz. Ela trouxe à luz o ódio e a repulsa, com os quais um povo pode voltar-se contra o outro; a injustiça, a violência, a astúcia e a mentira usadas pelos Estados.

Pôs a nu também a injustiça do Estado cometida contra os cidadãos. Um Estado que requer extremos de obediência e sacrifício, que priva seus cidadãos de sua maioridade, por excesso de sigilo e censura na comunicação, que os oprime intelectualmente e que os

---

<sup>9</sup> SCHILLER, *A educação estética do homem*, [1795] 2011.

<sup>10</sup> *Id.*, p. 213.

<sup>11</sup> *Id.*, p. 214.

deixa indefesos; um Estado que exige que os indivíduos aprovelem por patriotismo sua cobiça e seu afã de poder.

Mas a desilusão não se referiu apenas aos povos raivosos e aos Estados injustos e violentos com os outros Estados e com seus cidadãos. Também se referiu aos próprios cidadãos envilecidos. Quando o Estado suspende suas relações morais, cessam também nos indivíduos a repressão de seus apetites maus, as pessoas cometem atos de crueldade, perfídia e traição incompatíveis com seu grau de civilização.

As ilusões nos poupam de desprazeres e nos permitem gozar satisfações, mas um dia elas colidem com alguma parte da realidade e se despedaçam. Havia a ilusão do elevado nível de desenvolvimento moral dos cidadãos do mundo e dos Estados civilizados e ela colidiu com a seguinte realidade: a pouca moralidade e a brutalidade dos Estados e dos cidadãos do mundo.

Trata-se então de buscar os conhecimentos psicanalíticos para compreender essa manifestação de brutalidade. De acordo com a psicanálise, o desenvolvimento moral exige que os impulsos primitivos, proibidos como maus pela comunidade, como, por exemplo, os impulsos egoístas e os cruéis, sofram várias vicissitudes: “são inibidos, desviados para outras metas e para outros âmbitos, fundem-se uns aos outros, trocam seus objetos, dirigem-se para a própria pessoa. Formações reativas contra certos instintos [Triebe] criam a ilusão de uma mudança em seu conteúdo, como se o egoísmo se tornasse altruísmo e a crueldade compaixão”<sup>12</sup>. Crianças fortemente egoístas podem vir a ser os mais prestativos e abnegados cidadãos; pequenos sádicos e torturadores de animais podem resultar em entusiastas da compaixão, filantropos e protetores dos animais.

Se é possível a transformação do egoísmo em altruísmo e do impulso sádico em compaixão, os primeiros (egoísmo e sadismo) nunca são extirpados e a transformação em altruísmo e compaixão carrega sempre um aspecto de ilusão. Como ocorre essa transformação? É obra de dois fatores, um interno e outro externo. “O fator interno consiste na influência exercida nos instintos [Triebe] maus – egoístas, digamos – pelo erotismo, pela necessidade humana de amor no sentido mais amplo. Pela intromissão dos componentes *eróticos*, os instintos [Triebe] egoístas são transformados em *sociais*. Aprende-se a estimar, como uma vantagem, ser amado, vantagem pela qual se pode renunciar a outras”<sup>13</sup>. Podemos dizer que este fator interno é uma disposição inata do sujeito, já que não é aprendida a partir de fatores externos. Podemos dizer que esse fator

---

<sup>12</sup> Id., p. 219.

<sup>13</sup> Id., p. 220.

interno corresponde a uma das disposições, herdadas filogeneticamente, que os indivíduos trazem na sua constituição.

O que significa este fator interno que possibilita a transformação dos impulsos maus e egoístas em impulsos sociais? Reportemo-nos ao texto póstumo *Visão geral das neuroses de transferência*, escrito também em 1915, no qual Freud formula sua hipotética história filogenética, a fim de compreender como foi constituída a disposição para a vida social, para esse amor no sentido mais geral. Na quinta fase da hipotética história filogenética, Freud supõe que os filhos ameaçados pelo pai primitivo teriam fugido da horda e se identificado uns com os outros, e a partir desta identificação teriam desenvolvido o amor homossexual, fundamento dos impulsos [Triebe] sociais, quer dizer, teriam desenvolvido o amor pelo igual, baseado no comum ódio pelo diferente (no caso, no ódio pelo pai da horda primitiva).

Assim, da perseguição e da ameaça de castração, realizadas pelo pai primitivo nos tempos da horda, instituiu-se, nos filhos, o cuidado com o próprio pênis, a identificação com o outro também ameaçado de castração e o cuidado com o pênis do outro como com o próprio. Da identificação constitui-se o cuidado, o amor pelo outro semelhante, ameaçado de castração. O ódio pelo pai perseguidor e castrador, mas também livre e que afirma a si mesmo, foi erotizado e expresso em amor pelo igualmente perseguido. Podemos dizer que o amor homossexual, ou melhor, o amor pelo igual corresponde ao aspecto erótico, ao fator interno que contribui para que o ódio insatisfeito pelo diferente seja sentido com prazer, se expresse em sua contrapartida, no amor pelo igual. Podemos dizer que há dois tipos de transformações exigidas para essa disposição: primeiro, a escolha objetal baseada na identificação, assim escolher o outro é como escolher a si mesmo como objeto de amor. Se trata de uma escolha narcisista, na qual o Eu é tomado como objeto de si mesmo. O que possibilita este narcisismo, no qual o Eu se coloca no lugar de objeto, é a perseguição que fez os filhos fugirem para preservar seu pênis. Ser amado, primeiro por si mesmo e depois por medo outro igual que é escolhido como objeto de amor, se torna mais vantajoso, pois estabelece relações comunitárias em vez de estabelecer rivalidades. Trata-se do espírito das massas. Em segundo lugar, para o amor ao igual ser expressão do ódio ao diferente é necessário que amor e ódio, que originalmente eram compatíveis, se oponham um ao outro. Originalmente, o amor coincide com devoração do objeto amado, com sua destruição; enquanto o ódio implica na eliminação daquilo que se opõe à satisfação dos desejos e à afirmação de si (o objeto odiado é uma resistência que estimula a auto-superação). Ambos coincidem, por um lado, com a destruição do objeto e, por outro lado, com o fortalecimento do Eu a partir

da resistência do objeto. Estes dois sentimentos, no entanto se tornam opostos: amar passa a ser cuidar, preservar, e odiar será destruir. O diferente, o forte, aquele que afirma e supera a si mesmo será odiado, aquele que igualmente sofre a perseguição e é fraco será amado. Formou-se assim o amor pelo igual, fundamento da vida em sociedade. O amor ao igual, portanto, seria o erotismo que se intromete transformando os impulsos egoísta e sádico em impulso social, seria o fator interno necessário para que ocorra essa transformação.

O outro fator que determina a transformação do egoísmo e do sadismo em altruísmo e compaixão, de acordo com Freud em *A desilusão causada pela guerra*, é um fator externo: a coação externa exercida pela educação e depois diretamente pelo meio social. “A civilização foi adquirida pela renúncia à satisfação instintual [Triebbefriedigung], e exige de cada “recém-chegado” essa mesma renúncia”<sup>14</sup>. Assim, o erotismo, o amor pelos iguais, que possibilita a renúncia à satisfação dos impulsos, que foi adquirido nos primórdios da civilização, não é suficiente para manter essa renúncia e, com isso, manter a civilização. Cada nova geração precisa sofrer uma nova coação externa e internalizar esta coação. Em outras palavras, não basta ser capaz de transformar ódio pelo diferente em amor pelo igual, é necessário sentir-se coagido (externa ou internamente) a isso. Por que isso? Em primeiro lugar, já vimos, a própria transformação do ódio em amor exige um objeto externo que seja odiado, e isso ocorre normalmente porque ele coage. Assim, o erotismo que é o fundamento dos impulsos sociais se constitui a partir de um Não ao exterior, do ódio em direção a um objeto externo que não satisfeito transforma-se em amor ao igual. É necessária uma resistência externa, uma certa coação, para que o erotismo se constitua. Se na filogênese a coação foi necessária para sua constituição, agora são necessárias novas coações para seu despertar e para sua manutenção.

Mas a coação externa é necessária não só por isso. Além de fazer despertar o fundamento da vida social, o amor pelo igual, a coação externa deve se tornar coação interna: “Durante a vida individual há uma contínua transformação de coação externa em coação interna. As influências culturais levam a que tendências egoístas cada vez mais se convertam em altruístas, sociais, pela adjunção de elementos eróticos”<sup>15</sup>. Se a coação externa transformo egoísmo em altruísmo por meio de adjunções eróticas, também a coação interna o terá de fazer. Vejamos mais vagarosamente esse ponto.

---

<sup>14</sup> FREUD, *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, p. 220.

<sup>15</sup> Id., p. 220/221.

“Enfim é lícito supor que toda coação interna que se faz notar no desenvolvimento do ser humano era originalmente, ou seja, na *história da humanidade*, apenas coação externa. As pessoas que hoje vêm ao mundo trazem consigo, como organização herdada, alguma tendência (pré-disposição) [Disposition] para transformar os instintos [Triebe] egoístas em sociais, à qual bastam leves incitamentos para realizar esta transformação”<sup>16</sup> Assim, uma leve coação externa desperta o ódio por quem coage, pelo poderoso, que se transforma, devido a uma organização herdada, em amor pelo igualmente impotente. Freud continua, “Outra parcela dessa transformação instintual [Treibumwandlung] tem que ser efetuada na vida mesma. Desse modo, o ser individual se encontra não apenas sob o influxo do seu meio cultural presente, mas está sujeito também à influência da história cultural de seus antepassados”<sup>17</sup>. Que outra parte é essa, além da leve incitação, que tem de ser realizada na vida do próprio indivíduo? Parece-me tratar de o que possibilita a transformação da coação externa em interna. Como isso ocorreu na história filogenética? Em *Visão geral das neuroses de transferência* essa transformação ocorreu na sexta fase filogenética, quando surgiu a disposição para mania e melancolia. Nessa fase, os filhos teriam, depois de matado e devorado o pai, se identificado com ele, o que corresponde à mania. Em seguida, cada membro da coletividade teria voltado seus impulsos cruéis, despertados pela identificação com o pai e que enfraqueceram os laços fraternos, contra sua própria pessoa, o que corresponde à melancolia. A constituição da coação interna corresponde assim a volta dos impulsos cruéis, do ódio, contra si mesmo. Quando os impulsos cruéis se voltam contra o próprio Eu do sujeito, esses serão satisfeitos sem enfraquecer o amor pelos iguais, pois, por um lado, apesar de satisfeito, o ódio é constantemente incitado, cada satisfação do ódio em vez de diminuir-lo, provoca mais ódio; e, por outro lado, ao se dirigir contra si mesmo, protege os iguais de serem objeto do próprio ódio.

O que é necessário para que impulso cruel volte-se contra a própria pessoa? Primeiro, a constituição de uma disposição que erotize a submissão, o que na história hipotética de *Visão geral das neuroses de transferência* teria ocorrido na quarta fase filogenética, quando teria se desenvolvido um tipo de autoerotismo a partir da experiência de castração. A hipocondria parece ser o modelo desse erotismo, no qual a dor é sexualizada, se deseja a dor. Em segundo lugar é necessário a constituição do ideal da coletividade (suas exigências de justiça e igualdade e seu ódio ao diferente) internalizado, que toma o lugar do sujeito que coage e, em terceiro lugar, o Eu que

---

<sup>16</sup> Id., p. 221.

<sup>17</sup> Id. ibidem.



busca a satisfação dos impulsos, parte do Eu que será coagida. A partir de então o diferente que tem de ser odiado é o próprio Eu. Assim, há uma variedade de novos erotismos envolvidos na coação interna, sem os quais, ela não se manteria: primeiro, o prazer em ser coagido e submisso; é uma disposição trazida na herança filogenética que só pode ser despertada na própria coação vivida por cada membro da sociedade (por exemploem relação à autoridade dos pais). Em segundo lugar, a erotização da relação com o igualmente impotente, a erotização do ódio ao diferente e poderoso, que se expressa no amor pelo igual e impotente. Disposição necessária para a constituição do ideal do eu, baseado no ideal da coletividade, que serve para a comparação com o Eu atual. Por último, a identificação com o objeto odiado, para que o ódio volte-se contra si mesmo, contra o próprio Eu.

Esses novos tipos de erotismo, constituído na segunda fase da história filogenética, revelados pelas neuroses narcisistas e necessários à vida social, caracterizam um narcisismo que poderíamos chamar de narcisismo de objeto, que é diferente do narcisismo do sujeito que corresponde ao narcisismo do pai primitivo que implica na livre satisfação dos impulsos, na expansão do poder e na onipotência dos pensamentos. No narcisismo de objeto, ser escolhido é vantajoso e compensa outras desvantagens. Ser objeto da crueldade do pai passa a ser algo desejado; a impotência, própria e do outro, passa a ser amada; e ser objeto de ataque de si mesmo também passa a ser erotizado. Esses novos erotismos, para serem internalizados, exigem um exterior cuja oposição os constituam: alguém que o submeta, alguém potente para ser odiado, para que o seu contraste (o amor ao impotente) seja constituído e que sustente o ódio por si mesmo quando o Eu se identificar com ele. Sem este exterior não seriam constituídos os novos erotismos nem seu fruto: a coação interna, expressão do desenvolvimento moral.

Mas, não podemos nos esquecer de que o ponto de partida da coação interna é a identificação com o objeto odiado; na filogênese, é a devoração e a identificação dos filhos com o pai, é a recuperação da psicologia do pai por parte dos filhos. Em *A desilusão causada pela guerra*, Freud afirma que a *aptidão para a cultura*, “consiste de duas partes, uma inata e outra adquirida na vida”, e que a relação das duas partes entre si e a relação delas “com a parte não transformada da vida instintual [Triebbens] é bastante variável”<sup>18</sup>. Já sabemos qual a parte inata (o amor aos iguais, o prazer na submissão e a capacidade de voltar o ódio contra sua própria pessoa) e qual a parte adquirida na vida (a coação externa que desperta todas as disposições inatas necessárias

---

<sup>18</sup> FREUD, *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, p.221.

à vida social), mas qual é a parte não transformada da vida dos impulsos? De acordo com *Visão geral das neuroses de transferência*, podemos supor que essa parte foi constituída nas primeiras fases da história filogenética e correspondem, portanto, à constituição dos próprios impulsos primitivos: impulsos sexuais, egoístas, cruéis; trata-se do narcisismo do sujeito, que expande seu poder, afirma a si mesmo e é capaz de sublimação. Trata-se da psicologia do pai primitivo, cujos filhos depois do parricídio se identificam e passam a se odiar devido a essa identificação. Assim, podemos dizer que a aptidão para a cultura depende também da relação entre os impulsos sociais e os impulsos sexuais e cruéis que visam sua satisfação (entre o poder da coação interna e o poder do coagido).

Freud afirma que tendemos a atribuir demasiada importância à parte inata e que corremos o perigo de superestimar a aptidão total para a cultura, em sua relação com a vida dos impulsos que permaneceu primitiva: “somos levados a julgar os homens ‘melhores’ do que são na realidade” e, um fator que “turva nosso julgamento e falseia o resultado”<sup>19</sup>, ignoramos que nem sempre a submissão às regras da cultura deve-se a uma transformação dos impulsos, muitas vezes deve-se apenas ao medo da punição, deve-se portanto a puros interesses egoístas. Neste caso, a coação externa não serve para incitar o erotismo que transforma o egoísmo em impulsos sociais (o prazer na submissão, ao amor pelo igualmente impotente e o retorno do ódio contra si) mas é a única razão da submissão às regras.

A sociedade civilizada aumentou suas exigências morais, obrigando os indivíduos a um distanciamento ainda maior de seus impulsos. Foi imposta uma supressão aos impulsos, cuja tensão se manifesta nas afecções neuróticas e na propensão em busca de satisfação, quando a oportunidade se apresenta. A guerra é uma dessas oportunidades nas quais os impulsos suprimidos buscam sua satisfação. Sejam os impulsos egoístas, sejam os cruéis, sejam os de ódio pelo diferente. As tão elevadas exigências da cultura, muito maiores que a aptidão para a cultura dos indivíduos, conduzem ao comportamento hipócrita. Freud afirma que “um certo grau de hipocrisia cultural é indispensável para a manutenção da cultura” porque a aptidão para a cultura não basta para essa realização, mas, também afirma, que “por outro lado, a manutenção da cultura, ainda que sobre uma base tão duvidosa [a hipocrisia cultural], oferece a perspectiva de preparar o caminho, em cada nova geração, para a transformação

---

<sup>19</sup> Id., *ibidem*.

instintual[Triebumbildung] mais ampla, portadora de uma cultura melhor”<sup>20</sup>. Devemos nos perguntar, o que seria uma cultura melhor? Uma cultura na qual o erotismo que determina a supressão dos impulsos egoístas (o prazer na submissão, o amor pelo igual e o retorno do ódio contra si) seja intensificado? Certamente não. Isso, como veremos nas reflexões sobre a morte, nos torna mais hipócritas, mas distantes de nossos impulsos e submetidos as suas expressões inconscientes. A diminuição da hipocrisia e a melhora da civilização certamente não passam pela intensificação da transformação da coação externa em interna nem pelo aumento do amor pelos iguais em detrimento do ódio pelos diferentes. Parecem passar sim pela diminuição da tensão nas relações entre a coação interna e o próprio coagido (os impulsos que não são transformados).

Adolorosa desilusão com o comportamento incivilizado dos cidadãos durante a guerra deve-se a uma ilusão de que as pessoas tinham uma moral muito mais elevada do que tinham na realidade, elas não desceram tão baixo pois não tinham se elevado tanto quanto ilusoriamente se acreditava. O fato dos grandes indivíduos e Estados terem abandonado suas limitações morais tornou-se ocasião de instigação para subtrair-se da duradoura pressão da cultura e permitir a satisfação dos impulsos refreados. A guerra, ao permitir a satisfação dos impulsos, mostrou quão hipócritas são as exigências morais diante da vida dos impulsos, mostrou a impossibilidade do sujeito de satisfazer suas exigências morais. Até aqueles que têm *aptidão para a cultura* (que alcançaram uma transformação dos impulsos) e que, em tempos de paz, provavelmente, reestabeleçam o “enobrecimento dos impulsos”, na guerra, se mostraram incivilizados. A cegueira lógica produzida pela guerra nos melhores cidadãos apenas revela que “argumentos lógicos são impotentes em face aos interesses afetivos”, que as “pessoas mais argutas subitamente se comportam como imbecis, tão logo o discernimento buscado se defronta com uma resistência emocional”<sup>21</sup>.

Em relação ao Estado nem mesmo os interesses gerados pelo comércio e pela produção inibiram seus impulsos irracionais. Os Estados usaram seus interesses apenas para racionalizar e disfarçar suas paixões. A verdade é que os povos se menosprezam, se odeiam, se execram, também em tempos de paz. Em grupo, afirma Freud, se apagam todas as conquistas morais dos indivíduos e restam apenas atitudes primitivas. Mas vejamos, o ódio ao diferente das massas, dos povos, não é o fundamento do amor pelos iguais? Não é propriamente o que determina o espírito das massas e, portanto, as exigências de amor ao próximo? Podemos responder que o amor ao igual não

---

<sup>20</sup> Id., p. 224.

<sup>21</sup> Id., p. 228.

corresponde à satisfação do ódio ao diferente e sim à insatisfação desse ódio, justamente devido à impotência em satisfazê-lo. Quando, na história filogenética, os irmãos satisfizeram o ódio que os unia matando o pai, enfraqueceram-se enquanto grupo, pois o ódio que os unia deixou de existir e cada um se identificou com o objeto odiado, com o pai. Para salvar a coletividade, Freud afirma em *Totem e tabu*<sup>22</sup>, os irmãos tiveram que instituir proibições, baseadas estas na obediência adiada ao pai assassinado. Instituiu-se, portanto, uma coação interna, baseada no prazer em submeter-se a um outro poderoso, coação que voltou o ódio, despertado na identificação com o pai primitivo, contra si mesmo. Esse novo destino do ódio, por um lado, é semelhante ao ódio do pai primitivo, pois se satisfaz, mas também é semelhante ao ódio insatisfeito nutrido pelos irmãos, pois não se dirige ao outro semelhante e, mesmo se satisfazendo sobre si, provoca mais ódio, nunca alcançando uma satisfação completa. O ódio entre os povos, explicitado na guerra, alivia a coação interna, pois odiar o inimigo é menos dolorido que odiar a si mesmo. Mas, como o ódio satisfeito no assassinato do pai primitivo, o ódio pelo diferente satisfeito na guerra enfraquece os laços sociais e compromete a vida social, se não houver nova associação dos laços sociais com a disposição à submissão. Podemos dizer que o amor ao igual, o espírito da massa, é a erotização do ódio ao diferente, e que, portanto, erotizado o ódio ao diferente pode manter-se insatisfeito. Mas ele, como tudo o que é primitivo no sujeito, continua pressionando à satisfação, o que na filogênese levou ao assassinato do pai e na atualidade às crueldades da guerra. Satisfação que enfraquece o amor pelo igual caso não se transforme em coação interna, em exigências morais que visam coibir a si mesmo.

Essas considerações sobre nossos impulsos sociais, suas disposições esclarecidas por suas origens filogenéticas, e suas relações com nossos impulsos primitivos, nos possibilitam compreender melhor nossa atitude hipócrita diante da morte, que será explicitada no segundo ensaio, *Nossa atitude perante a morte*. Nesse ensaio, Freud começa exemplificando a hipocrisia do homem civilizado diante da morte. Afirma que essa atitude não é sincera.

1º) Dizemos hipocritamente que reconhecemos a nossa própria morte como reconhecemos a morte de todos os seres vivos, como uma dívida com a natureza que temos de estar dispostos a pagar. Mas, na verdade, manifestamos a tendência oposta à tendência de pôr a nossa morte de lado e de eliminá-la da vida. O reconhecimento da nossa própria morte vem do desejo de nos identificarmos com o outro, com o sofrimento

---

<sup>22</sup>FREUD, [1913] 2012.

do outro igual a nós, mas tem um limite, que é o de nos identificarmos com a morte do outro. Não aceitamos nossa morte e lutamos para não pagar essa dívida. O próprio viver implica em se opor ao pagamento dessa dívida.

2º) Em relação a morte do outro, 1. evitamos falar sobre ela, evitamos nos antecipar a ela, principalmente se ela estiver relacionada com algum ganho. 2. quando a morte do outro ocorre, assumimos uma atitude de admiração por alguém que realizou algo muito difícil. Nos abtemos de toda crítica e a consideração pelo morto é colocada acima da verdade e da consideração pelos vivos. 3. Quando morre alguém próximo ficamos inconsoláveis, morremos em parte junto com eles.

Essas atitudes em relação à morte dos outros são hipócritas pois desejamos, em parte, essas mortes. Nos dois casos, tanto no reconhecimento de nossa própria morte como na consideração pelo morto que leva até ao morrer em parte junto com ele, a vida empobrece, perde seu interesse, já que a aposta mais elevada no jogo da vida, ela mesma, não pode ser arriscada. A vida fica insonsa e insubstancial.

No primeiro caso a vida fica insonsa porque ao nos reconhecermos como mortais iguais aos outros, perdemos nosso heroísmo, nossa capacidade de nos arriscar e passamos a temer a morte. O reconhecimento da própria morte significa para Freud o temor da morte. É o desafio da morte, no entanto, que dá sentido e sabor à vida. Desafiar a morte, segundo Freud, é não reconhecê-la, é negá-la, atitude necessária para se correr riscos. Podemos dizer que é, segundo Freud, na negação da morte (que se opõe ao temor da morte) que vivemos que damos sentido a vida, que nos arriscamos. Conceber a própria morte, no entanto, seria reconhecer a igualdade com os outros, seria abandonar o narcisismo do sujeito em prol do narcisismo de objeto, esse baseado na identificação com o outro por meio de sua dor e de sua fraqueza. Nesse caso, o desejo de afirmação de si, de expandir-se, seria transformado na identificação com o outro baseado no temor da morte.

No segundo caso, é hipócrita a alta consideração pelo morto, pois encobre nossos sentimentos hostis por ele, mais hipócrita ainda é morrer com o morto amado. Mas esta postura não só é hipócrita como torna nossa vida insonsa, “os nossos vínculos afetivos, a insuportável intensidade de nosso luto, nos tornam pouco inclinados a buscar perigos para nós mesmos e os nossos. Não ousamos considerar muitas empresas que são perigosas” “A tendência a excluir a morte dos cálculos da vida traz consigo muitas outras renúncias e exclusões ... ‘Navegar é preciso, viver não é preciso’”<sup>23</sup>. Excluir a

---

<sup>23</sup> FREUD, *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, p.232.

morte de nossos cálculos da vida, nessa citação, não é negá-la como quer o inconsciente e nosso lado heroico, mas temê-la, deixar de arriscar-se na vida(deixar de navegar), por medo da morte. Essa vida covarde é compensada pela arte: “é inevitável que busquemos no mundo da ficção, na literatura, no teatro, substitutos para as perdas da vida. Lá encontramos ainda pessoas que sabem morrer, e que conseguem até mesmo matar uma outra.”<sup>24</sup>É evidente, neste trecho que o herói sabe morrer porque, ao não conceber a própria morte, não a teme e poder arriscar a vida; sabe matar pois reconhece seus desejos hostis para com os outros. Na arte encontramos pessoas que, nos moldes do herói, não são hipócritas diante da morte.

A guerra afastou-nos do tratamento cultural-convencional, hipócrita, da morte. Nela, não é mais possível negar a sincera atitude frente à própria morte e a morte dos outros. Por esse motivo, “a vida se tornou novamente interessante, recuperou seu conteúdo pleno”<sup>25</sup>. Qual o pleno conteúdo da vida? No que diz respeito à própria vida, correr riscos sem temer a morte e, no que diz respeito aos outros, poder satisfazer-se com a morte alheia.

Depois destas primeiras considerações que apontam não à ilusão, mas aos aspectos de verdade revelados na desilusão (aspectos que chegam a dar sentido à vida), Freud, nesse segundo ensaio, passa a analisar a atitude do homem pré-histórico, voltando, portanto, à nossa história filogenética.

Para o homem primitivo, “a morte do outro lhe era justa, significava a eliminação do que era odiado, e o homem primitivo não tinha escrúpulo em executá-la. Ele era sem dúvida um ser muito passional, mais cruel e mais malvado que outros bichos. Assassinava com gosto, e como se fosse algo óbvio”<sup>26</sup>

Em *Visão geral das neuroses de transferência* essas características foram constituídas na terceira fase filogenética e correspondem às características do pai primitivo, cuja satisfação sexual coincide com a afirmação de si, coincide com a ação sobre o mundo e sobre os outros que é potencializada pelo pensamento e pela linguagem, ação que amplia o poder do sujeito e cria o direito de ser cruel sobre os outros. Mas neste caso, ainda não há humanidade, essa só irá se constituir quando os filhos, por meio do crime praticado coletivamente e da devoração do pai, resgataram as características do pai: sua capacidade de autoafirmação, de sublimação e sua crueldade.

---

<sup>24</sup>Id., p. 232/233.

<sup>25</sup>Id., p. 233.

<sup>26</sup>Id., p. 234.

Por outro lado, os assassínios provocam culpa: “o obscuro sentimento de culpa [de dívida – Schuldgefühl] a que está sujeita a humanidade desde os tempos pré-históricos, que em muitas religiões condensou-se na ideia de uma culpa primordial, de um pecado original, é provavelmente expressão de uma dívida de sangue [derramamento de sangue - Blutschuld] em que a humanidade primeva incorreu”<sup>27</sup>. Dívida original contraída no primeiro crime da humanidade: “o crime mais antigo da humanidade deve ter sido o parricídio, o assassinio do pai primevo da horda primitiva, cuja imagem ou lembrança foi depois transfigurada em divindade”<sup>28</sup>. Se trata aqui da psicologia dos filhos que, apesar de serem fracos e de condenarem a crueldade, juntos se tornam fortes e realizam o ato de crueldade com o pai primevo. Ato que resgata os desejos de crueldade, mas que logo depois de realizado será novamente condenado, agora de forma mais eficiente, em nome da coletividade.

A tendência à crueldade, constituída pelo pai primevo, resgatada pelos filhos, mas depois reprimida por eles, está bem explicitada nos povos primitivos e está cada vez mais inconsciente nos homens civilizados. A culpa, que serviu para inibir as tendências cruéis nos homens civilizados, toma o primeiro plano mas se torna incompreensível pois as tendências contra as quais se dirige se tornam cada vez mais inconsciente. De um modo geral, no homem civilizado, só temos conhecimento dos impulsos cruéis indiretamente, pela ampliação da culpa, do dever, das exigências morais e da neurose.

A ambivalência de sentimento diante da morte, no homem primevo, antes de remeter ao sentimento de culpa pelos sentimentos cruéis, remete a não admissão da própria morte, diante da morte de um ente amado: “quando o homem primevo via morrer um dos seus ...então, na sua dor, ele teve que aprender que também ele podia morrer, e todo seu ser revoltou-se contra tal admissão; pois cada um desses amores era um pedaço de seu próprio amado Eu.”<sup>29</sup>

Por que seus entes queridos eram partes de seu próprio amado Eu? Porque o amor para com eles estava baseado na identificação com eles, com a dor deles, aquilo que desde o *Projeto* é chamado de compaixão que implica na ideia de sofrer com o outro. Em *Visão geral* essa é a disposição para o amor pelo igual, o erotismo necessário para transformar o egoísmo em altruísmo. Já vimos que essa disposição se constituiu na quinta fase filogenética, quando os irmãos, perseguidos pelo pai, fugiram da horda, se identificaram entre si, como igualmente ameaçados pelo pai, como igualmente tomados

---

<sup>27</sup> Id. p. 235.

<sup>28</sup> Id., p. 236.

<sup>29</sup> Id., p. 236.

pelo ódio dirigido ao pai, e desenvolveram o amor entre si, o amor pelo igualmente fraco que não consegue satisfazer seu ódio pelo diferente. A identificação é erotizada e torna-se amor pelo igual, compaixão, prazer em compartilhar o sofrimento e a fraqueza com o outro. Em oposição ao narcisismo do sujeito, do pai primevo, que não concebe sua própria morte, que expande seu poder por meio de suas ações, de sua inteligência e da linguagem, que tanto protege como é cruel, em oposição a este narcisismo surge o narcisismo de objeto, dos filhos, que escolhem o próprio Eu, ou o semelhante ao Eu, como objeto de amor, o narcisismo baseado na dor (como é a hipocondria), no sofrimento e na fraqueza, que se tornam valorizados. Identificar-se na dor, na insatisfação, no sofrimento, implica também em identificar-se na morte, mas isso o Eu não quer admitir, é como se a morte fosse o limite para os impulsos sociais, baseados no sofrer junto.

A morte do inimigo não é contraditória com a não aceitação da própria morte, pois não há a identificação com ele, no sentido de compaixão. Identificar-se com o pai primevo, depois do parricídio, é devorá-lo, introjetá-lo, é adquirir sua potência. Já a identificação com o outro igualé protege-lo, cuidá-lo, algo oposto a sua destruição. O pai primevo também protege e cuida, mas os faz não porque se reconhece no fraco que precisa de proteção e cuidado, o faz porque assim amplia seu poder. Os filhos se cuidam e se conservam mutuamente porque dizem não à destruição; valorizam a impotência porque dizem não à potência; valorizam a igualdade, porque dizem não à diferença. A base da identificação é o sofrimento, a insatisfação, a impotência, a fraqueza. Diante destes princípios dificilmente se poderia não reconhecer a morte, que é o apogeu da impotência. Ai sim, compreendemos a contradição que a morte do outro suscita.

Mas além de se contrapor à admissão da própria morte, o amor pelo igual também se contrapõe ao ódio pelo igual: “esses amados falecidos tinham sido também estranhos e inimigos, que haviam despertado nele uma parcela de sentimentos hostis”<sup>30</sup>. Aqui, a hostilidade contra os entes queridos ocupa o mesmo lugar que o narcisismo do sujeito, ambos em oposição aos impulsos sociais, ao amor aos entes queridos. Os impulsos sociais, a compaixão, portanto, são limitados pelo narcisismo do sujeito que se opõe ao sofrer junto até a morte e é hostil ao igual.

O conflito entre a morte do igual amado e a não admissão da própria morte levou a primeira concepção de alma, do psíquico:

---

<sup>30</sup> Id., p. 237.



Desse conflito de sentimentos nasceu em primeiro lugar a psicologia. O homem não podia mais manter a morte a distância, já que a havia provado na dor pelos falecidos, mas não queria admiti-la, por não poder imaginar-se morto. Então incorreu em compromissos: admitiu a morte também para si, mas contestou-lhe o significado de aniquilamento da vida, algo que não tivera motivos para fazer, quando da morte de um inimigo.<sup>31</sup>

Assim o conflito entre, por um lado, identificar-se com o outro a partir de sua dor e sofrer junto com ele até a morte e, por outro lado, não querer admitir a própria morte provocou a invenção da alma, do espírito. Pode assim sofrer com o outro, com sua fraqueza, até a morte, já que isso não significava o fim da vida. Com a criação dos espíritos se admitiu a própria morte, a partir da identificação com o outro morto, ao mesmo tempo, que a negou. Como a satisfação com a morte do ente igual e amado gera culpa, a maldade sentida em si mesmo é projetada no espírito: “a consciência de culpa pela satisfação que se mesclava ao luto fez com que tais espíritos recém-criados se tornassem maus demônios que inspiravam medo“. Os espíritos maus inspiram medo e, portanto, punem o Eu. Assim o Eu se alivia por dois motivos, por um lado, porque projeta seus sentimentos maus no espírito e, por outro lado, porque é punido pelo espírito mau que o apavora. Nesse sentido, a criação do espírito mau é um passo intermediário entre a coação externa e a interna, os espíritos são ao mesmo tempo criações internas, portanto, referentes a uma coação interna, e sentidos como externos. Apesar de ser punido, o Eu não precisa se reconhecer como mau, já que o mau é atribuído ao espírito.

Portanto, as contradições ante a morte do ente querido são: 1. sofrer ao extremo, até a morte, com o outro e negar a própria morte, o que determinou a criação dos espíritos; e 2. preservar o outro da morte, como preserva-se a si mesmo, e deseja-la para satisfazer seus próprios impulsos, o que determina a criação dos espíritos maus que o punem por seus desejos.

A satisfação do ódio pela morte do amado produziu também como reação culpada, além dos espíritos maus que amedrontam, os primeiros mandamentos éticos, o primeiro, “não matarás”, mandamento que se estendeu ao estranho não amado e aos inimigos.

Em relação à proibição “não matarás” aplicada aos inimigos, Freud escreve:

Neste último caso não é mais sentida pelo homem civilizado. Quando a selvagem luta dessa guerra estiver decidida, cada um dos combatentes vitoriosos retornará feliz para o lar, para sua mulher e seus filhos, desimpedido e sem perturbar-se com a lembrança dos inimigos que matou em corpo a corpo ou por armas de longo alcance.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup>Id. *ibidem*.

<sup>32</sup>Id., p. 240.

Os civilizados, portanto, diferente dos primitivos, não parecem nutrir sentimento de culpa pelo assassinato dos inimigos. O que falta nos civilizados não é só o reconhecimento da crueldade, mas é o sentimento de culpa que, surpreendentemente, parece ser menor, pelo menos ele não se expressa em tão longo alcance, que o dos primitivos.

O selvagem ...não é absolutamente um matador sem remorso; ao retornar vitorioso de uma expedição guerreira, ele não pode pisar o chão de sua aldeia nem tocar em sua mulher sem antes expiar, por meio de penitências ... os atos assassinos que cometeu na guerra. ... o selvagem ainda teme a vingança dos espíritos dos que abateu. Mas os espíritos dos inimigos abatidos não são outra coisa que a expressão de sua má consciência devido à 'dívida de sangue' [o 'derramamento de sangue'- 'Blutschuld']; por trás dessa superstição está um quê de sensibilidade ética que nós, homens civilizados, já perdemos.<sup>33</sup>

Sem a superstição perdemos nossa sensibilidade ética. Ao não ter espíritos para temer, os civilizados dão livre expressão a seus impulsos cruéis, ao menos diante dos inimigos, como foi constatada na guerra. Os soldados matavam o inimigo sem culpa. Parece que Freud está descrevendo um processo que foi caracterizado posteriormente como a banalidade do mal. Mas notemos, por um lado, o civilizado sofre com suas altas exigências morais, muito acima da sua capacidade de realizá-las, por outro, Freud afirma, o civilizado perdeu sua sensibilidade ética. Como é possível conciliar estas duas características opostas? Avancemos um pouco no texto para compreender essa aparente contradição.

Freud passa a analisar o inconsciente dos homens civilizados. “o homem da pré-história continua a viver inalterado em nosso inconsciente. Portanto, nosso inconsciente não crê na própria morte, faz como se fosse imortal”<sup>34</sup>. Podemos dizer que no inconsciente, em suas camadas mais profundas, só há movimentos de afirmação de si, vontade de poder. “Talvez esteja aí o segredo do heroísmo. ... o heroísmo instintivo e impulsivo [instinktive und impulsive] ... enfrenta os perigos simplesmente conforme a certeza ... ‘nada te pode acontecer!’” ... “Já o medo da morte, que com frequência anos domina mais do que pensamos, é algo secundário, e em geral proveniente da consciência de culpa”<sup>35</sup>.

O medo da morte é, portanto, uma manifestação da consciência de culpa, do remorso, a mesma consciência de culpa que inventou os espíritos maus, dos selvagens. Em vez de temer os espíritos, tememos a morte e por isso não arriscamos a vida, tornando a vida insonsa e insubstancial. É onde aparece a culpa do civilizado. O medo que temos da morte seria então uma punição, ele seria a feição da coação interna, que reprime nossos

---

<sup>33</sup> Id., *ibidem*.

<sup>34</sup> Id., p. 241.

<sup>35</sup> Id. *ibidem*.

impulsos, que reprime nosso narcisismo de sujeito, egoísta e cruel, coação interna aliada aos impulsos sociais.

Além de termos nos tornado covardes diante da morte, nossos impulsos assassinos perderam sua capacidade de ação. Esses impulsos continuam com a mesma força presentes em nosso inconsciente:

Por outro lado, admitimos a morte para estranhos e inimigos e os condenamos a ela com a mesma disposição e leveza que o homem primitivo... Em nossos impulsos inconscientes eliminamos, a todo dia e momento, todos os que nos estorvam o caminho, que nos ofenderam ou prejudicaram. ... se formos julgados por nossos desejos inconscientes, somos um bando de assassinos, tal como os homens primitivos.<sup>36</sup>

No entanto, o desejo não se converte em ação: “Mas aqui há uma diferença ... Nosso inconsciente não executa o assassinio, apenas o imagina e deseja”<sup>37</sup> ... “É uma sorte que todos esses desejos não tenham a força que ainda lhes atribuíam os homens da pré-história”<sup>38</sup> Aquilo que era consciente e levava os homens primitivos à ação, seus impulsos hostis, são inconscientes no homem civilizado, se realizam na imaginação, na alucinação, sua satisfação acontece na realidade psíquica e não física. O desejo perdeu seu impulso motor, tornou-se inofensivo, enfraqueceu-se enquanto ação que se exerce sobre o mundo.

Os civilizados, portanto, não reconhecem seus desejos hostis, pois estes são inconscientes, e por isso não sentem culpa ao assassinar seus inimigos. Creem na racionalização que disfarça os desejos cruéis justificando-os pelos interesses do Estado. Não se sentem responsáveis por seus atos mas apenas respeitam o que lhes é imposto.

A nossa atitude ambivalente para com os nossos amores (genitor, cônjuge, irmão, filho, amigo) que são, por um lado, componentes do nosso próprio Eu e, por outro lado, hostilizados, inimigos aos quais desejamos inconscientemente a morte, resulta não em expiações conscientes mas na neurose, por exemplo, “exagerada preocupação pelo bem-estar dos próximos ou com autorrecriminações totalmente infundadas após a morte de uma pessoa amada”<sup>39</sup>. Exagerada preocupação, significa ampliação do amor a fim de ocultar o ódio e autorrecriminações significa voltar o ódio contra si como punição da culpa. Podemos dizer que a ampliação do amor, no neurótico, corresponde à criação da alma que fez perdurar a vida do outro e a própria, nos homens primitivos, e as autorrecriminações neuróticas correspondem aos espíritos maus que amedrontam os

---

<sup>36</sup> Id., p. 242/243.

<sup>37</sup> Id., p. 242.

<sup>38</sup> Id., p. 243.

<sup>39</sup> Id., p. 245.

homens primitivos. Mas as exageradas preocupações e autorrecriações correspondem à coação interna (e não a uma criação interna projetada no exterior, como o espírito mau). A coação interna reprime, torna inconsciente, destitui o desejo de seu ímpeto motor. Ao fazer isso, afasta do Eu, da consciência, seus impulsos e por isso não pode se responsabilizar por eles. Parece que os neuróticos expressam exatamente o que são os civilizados, fazem a si mesmo excessivas exigências morais: precisam cuidar muito dos outros e se autorrecriam por qualquer coisa. No entanto, desconhecem seus desejos reprimidos, não sabem porque se autorrecriam, deslocam sua verdadeira autorrecriação para fatos sem importância. Assim é o civilizado: muitas exigências morais e pouco conhecimento de si.

O que faz a guerra? Alivia de certa forma essa coação interna, já que nelao sujeito se torna herói e se satisfaz com a morte dos inimigos e dos amados. Força-o a sentimentos que a atitude cultural-convencional – nossa covardia devido o temor da morte enossa coação interna que desvinculou o desejo de morte da ação de realiza-lo – nos afastou. O mais surpreendente é que a guerra escancara, podemos dizer assim, nossa satisfação com a morte dos entes amado.

Freud então se pergunta: “Não seria melhor ... pôr um pouco mais à mostra nossa atitude inconsciente ante a morte, que até agora reprimimos cuidadosamente? Isso não parece uma realização maior, seria antes um passo atrás em vários aspectos, uma regressão, mas tem a vantagem de levar mais em conta a verdade e nos tornar a vida novamente suportável”<sup>40</sup>. Tornar a vida mais suportável, portanto, seria aceitar mais nosso narcisismo de sujeito, a psicologia resgatada do pai primitivo que busca a satisfação dos impulsos, inclusive dos impulsos cruéis. Freud termina o ensaio com o seguinte ditado: “Se queres aguentar a vida, prepara-te para a morte”<sup>41</sup>. Preparar para a morte significa aceitar nossa relação inconsciente com a morte: de que não aceitamos a nossa própria morte e a de que desejamos a dos outros, sejam eles inimigos ou entes amados. Se aceitássemos nossa atitude perante a morte talvez não teríamos a ilusão de sermos melhores do que somos, nossos impulsos inconscientes poderiam ter algum tipo de satisfação, deixaríamos de temer tanto a vida e de sermos tão covardes, a vida ganharia algum sentido e seria mais tolerável. Deixaríamos de ser também tão parecidos com os neuróticos: por um lado, com intensas exigências morais de cuidado com os outros e autorrecriações e, por outro lado, com um enorme desconhecimento dos desejos para os quais as recriações se dirigem e os quais as exigências visam

---

<sup>40</sup> Id., p. 246.

<sup>41</sup> Id., *ibidem*.

compensar, desconhecimento que nos fez perder nossa sensibilidade ética, como torna-se evidente, nos soldados que matam sem culpa. O desconhecimento de nossos desejos, portanto, faz com que não nos responsabilizemos por nossos atos.

A guerra, portanto nos mostrou o quanto somos egoístas e cruéis e, além disso, o quanto escondemos estas tendências por meio de uma exagerada compaixão (amor ao próximo) e de autorrecriações deslocadas que nos fazem temer a morte e nos tornam covardes.

### Referências bibliográficas

CORRÊA, Fernanda Silveira. (2013) *História hipotética da espécie humana: o processo de hominização nos tempos glaciais e na horda primitiva*. Tese de doutorado defendida no departamento de Filosofia da Unicamp. Campinas – São Paulo.

FREUD, Sigmund.(1914) *Zeitgemässes über Krieg und Tod*. Leipzig/Wien/Zürich:Internationaler Psychoanalytischer Verlag.

\_\_\_\_\_.(1985)*Übersicht der Übertragungsneurosen: Ein bisher unbekanntes Manuskript* - Ediert Ilse Grubrich-Simitis. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, (Trabalho escrito em 1915).

\_\_\_\_\_. (1987). *Neuroses de Transferência: Uma síntese(Manuscrito recém-descoberto)*. (Abram Eksterman, trad., pp. 65-82). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1915 e publicado em 1985).

\_\_\_\_\_. (1995). *Projeto de uma psicologia*. (Osmyr Faria Gabbi Jr., trad., pp. 7-102) Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original escrito em 1895 e publicado em 1950).

\_\_\_\_\_. (2010). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In S. Freud *Obras Completas*(P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp.209-246). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

\_\_\_\_\_. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp.13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

\_\_\_\_\_. (2010). História de uma neurose infantil ('O homem dos lobos'). In S. Freud *Obras Completas* (P. C. Souza, trad, Vol. 14, pp.13-160). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original escrito em 1914 e publicado em 1918).

\_\_\_\_\_. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp.170-194). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original escrito em 1915 e publicado em 1917).

\_\_\_\_\_. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 18, pp.13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).

\_\_\_\_\_. (2010). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) relatado em autobiografia ('O caso Schreber'). In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 10, pp.13-108). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).

\_\_\_\_\_. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 15, pp.13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).

\_\_\_\_\_. (2012). Totem e tabu. In S. Freud *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 11, pp.13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).

SCHILLER, Friedrich. (2011) *A educação estética do homem, numa série de cartas*. São Paulo, Iluminuras, (trabalho original publicado em 1795).